UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**ECA/USP – ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**CELACC – CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE A CULTURA
E COMUNICAÇÃO**

Rosimeire Cardoso Faria Soares da Silva

HISTÓRIAS PARA LER O MUNDO

CELACC/ECA - USP

2011

Rosimeire Cardoso Faria Soares da Silva

HISTÓRIAS PARA LER O MUNDO

Artigo científico apresentado para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Mídia, Informação e Cultura do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

CELACC/ECA - USP

2011

Agradecimentos

Agradeço a Deus, que abre caminhos.

À minha família, pelo estímulo à fantasia, ao sonho, ensinando-me a relacioná-los com a realidade. Ao meu marido Tony, pela parceria na vida e pelo incentivo na busca pelo conhecimento, essa ferramenta imprescindível para as escolhas que fazemos.

À minha amiga Lígia Rodrigues, grande incentivadora em meu ofício de contar histórias. Aos meus amigos André Orbacam, Mari Barçalobre e Ivy de Lima, pelo carinho e pela generosidade em compartilhar comigo um pouco de suas histórias e de sua amizade.

Aos meus alunos, que passaram por mim nas inúmeras Oficinas de Contação de Histórias, que realizei ao longo desses dez anos que venho trilhando esse caminho. São alunos com quem eu pude exercitar as relações entre o aprender e o ensinar.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Dennis de Oliveira, por ter expandido meu campo de visão, com o objetivo de obter uma leitura de mundo mais crítica e mais humana.

Aos meus colegas, companheiros nesse curso, pelo auxílio na construção desse olhar.

A todos aqui citados, agradeço pelas histórias que se entrelaçaram às minhas e por terem tornado a minha caminhada mais significativa, repleta de experiências de valor, que dão sentido à minha existência como educadora, contadora de histórias e como ser humano. A todos vocês, meu carinho eterno.

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.
(Paulo Freire)

HISTÓRIAS PARA LER O MUNDO

Rosimeire Cardoso Faria Soares da Silva¹

Resumo: O conteúdo deste artigo pretende reafirmar a importância da narração de histórias no aprimoramento da leitura de mundo por meio da palavra do contador de histórias. Para isso, é preciso saber quem é o contador de histórias ao longo da História e na contemporaneidade, que leitura faz de si mesmo e de seu ofício e de como é possível dar um novo significado ao mundo no compartilhar de histórias.

Palavras-chave: Narrativa oral; histórias; leitura de mundo; contador de histórias; intelectual orgânico.

Abstract: The content of this article intends reaffirming the importance of stories' narration in refinement of reading of world through the word of the storyteller. For this purpose, is necessary to know who is the storyteller all along history and at the contemporary world and what reading he makes about himself and about his work and about how is possible to give a new meaning to the world in sharing of stories.

Keywords: Oral narrative; histories; reading of world; storyteller; organic intellectual.

Resumen: El contenido dese artículo pretende reafirmar la importancia de la narración de las historias no primeramente de la lectura del mundo a través de la palabra del contador de historias. Para eso, es preciso saber quién eres el contador de historias el longo de la historia y en la contemporaneidad, que lectura hace de sí mismo y de su oficio y de cómo es posible dar um nuevo significado para el mundo en lo compartidla de las historias.

Palabras clave: Narrativa oral; historias; lectura del mundo; contador de historias; intelectual orgânico.

¹ Arte-educadora, com habilitação plena em Artes Cênicas, na Prefeitura de São Caetano do Sul – SP, e pós-graduanda em Mídia, Informação e Cultura pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Atriz, contadora de histórias e formadora de contadores de histórias na Prefeitura De Santo André- SP.

SUMÁRIO

I.	Introdução	7
II.	Histórias que transformam, constroem, resgatam valores e perpetuam a memória	8
	1. Narrativa oral: há muito tempo atrás, em torno da fogueira, até nossos dias	8
	2. Leitura de mundo: Janelas de possibilidades para um público sem idade	10
III.	O homem, o Contador de Histórias	12
	1. Quem é o Contador de Histórias?	12
	2. Contador de Histórias e o intelectual orgânico de Gramsci	13
	3. Com a palavra, o Contador de Histórias	14
IV.	Considerações Finais	16
V.	Referências Bibliográficas	18
	Apêndice A — Entrevista de André Orbacam	19
	Apêndice B — Entrevista com Mari Barçalobre	24
	Apêndice C — Entrevista com Ivy de Lima	26

I. Introdução

Há muito tempo atrás, longe em tempo e espaço, muito distante dos grandes centros urbanos, existia um homem que apreciava contar histórias sobre tudo que via, que sentia, enfim, que percebia do mundo. Era em torno da fogueira que as pessoas se reuniam para compartilhar os saberes, as descobertas, as aventuras, as leituras de mundo que esse homem fazia; ele era o contador de histórias. Em alguns povos africanos, os contadores de histórias são chamados de “griôs” e, conceituando segundo Antonio Gramsci², seria ele um exemplo de “intelectual orgânico”. Todos reverenciavam o contador de histórias e o reconheciam como aquele do qual a sabedoria era sua maior virtude, além da generosidade em transmitir ensinamentos.

Atualmente, contudo, diante de tantos avanços tecnológicos, desde a escrita até a cultura midiática, teria o contador de histórias e seu ofício, ao longo dos tempos, perdido o sentido para muitos e estaria em vias de extinção? Ou podemos encontrar na contemporaneidade um contador de histórias, na maioria das culturas, longe das fogueiras, urbanizado, em constante transformação? Para entender o papel do contador de histórias na história da humanidade, é preciso buscar a essência das narrativas. Sobre isso, Joana Cavalcanti, doutora em Teoria da Literatura, diz que:

Tem-se notícia de que as primeiras narrativas constituíam-se em relatos fabulosos sobre a possível história do surgimento do mundo. É certo que esses relatos estavam impregnados de conteúdos voltados para o sobrenatural, o misterioso envolvido na aura do sagrado. Eram relatos marcados pelo registro de rituais de iniciação e magia, próximos à consciência mítica e religiosa, para, somente muito tempo depois, transformarem-se em mito e história. (CAVALCANTI, 2002. p. 28)

Desde essas primeiras histórias permeadas de magia, passando pelos contos populares em forma de Contos de Fadas ou Fantásticos, Mitos, Lendas até os contos literários nos dias atuais, a essência da narrativa se encontra indissociável de nossa própria essência, já que ela contém o que produz sentido à nossa existência quando narramos, comunicamos, interpretamos, produzimos cultura, personificamos o pensamento por meio da palavra. Para Cavalcanti, “o uso da palavra nos dignifica e nos remete para um fazer construtivo e permanente das nossas relações com o outro, portanto exercício constante da nossa experiência social”. (CAVALCANTI, 2002. p. 22)

2 “Antonio Gramsci foi uma das referências essenciais do pensamento de esquerda no século 20, co-fundador do Partido Comunista Italiano. [...] Suas noções de pedagogia crítica e instrução popular foram teorizadas e praticadas décadas mais tarde por Paulo Freire no Brasil”. <<http://educacao.uol.com.br/biografias/antonio-gramsci.jhtm>>

Dessa forma, através da palavra falada, das histórias, aprendemos, de maneira particular, o que a história quer dizer a cada um de nós. Todavia, como afirmava Paulo Freire³, todos nós também aprendemos uns com os outros em comunhão com o mundo, ou seja, educamo-nos mutuamente quando temos a oportunidade de olhar o mundo, levando em conta a percepção do outro.

Para entender melhor sobre o poder que têm as histórias, sobre as leituras de mundo que elas propiciam, é preciso saber do contador de histórias o que ele tem a dizer de seu ofício, que leitura faz de si mesmo e se nos dias atuais seria ele, através de sua palavra, capaz de (re)encantar, de provocar, de educar para os sentidos e para outras possibilidades de leitura de mundo. Assim, por meio desses questionamentos, poderemos elucidar, talvez, novas perspectivas sobre o mundo e sobre nós mesmos, já que todos somos um pouco, ou muito, contadores de histórias.

II. Histórias que transformam, constroem, resgatam valores e perpetuam a memória

1. Narrativa oral: há muito tempo atrás, em torno da fogueira, até nossos dias

Desde os primórdios até os dias contemporâneos, o homem sempre teve a necessidade de se comunicar, de se expressar e, então, encontrou, ao longo do tempo, diversas formas para conseguir fazer isso de modo cada vez mais eficiente. Uma dessas formas é a narrativa oral, cuja verdadeira natureza é de uma “dimensão utilitária”, segundo o filósofo Walter Benjamin⁴. Acrescenta-se, ainda, que “essa utilidade pode consistir, seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida [...]” (BENJAMIN, 1987. p. 200). Para Benjamin, o narrador é um conselheiro, embora isso soe como algo ultrapassado, pois as relações a cada dia parecem menos comunicáveis; ainda assim, a narrativa nos revela a sabedoria através da palavra do contador, quando compartilha

³ Paulo Freire foi um educador e escritor brasileiro. Dentre seus feitos mais importantes para a educação brasileira, destaca-se seu “grande esforço na implementação de movimentos de alfabetização, de revisão curricular” e seu empenho “na recuperação salarial dos professores”.

<http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000031/Vida_Biografias_Pequena_Biografia_v1.pdf>

⁴ Walter Benjamin foi um ensaísta alemão.

suas próprias experiências e as experiências de outras pessoas. Não se trata de uma experiência coletiva, como bem cita o dramaturgo Luís Alberto de Abreu⁵:

Não existe experiência coletiva. Existem acontecimentos, fatos coletivos, como guerra, peste e morte, que, em determinado momento, podem atingir a sociedade como um todo. No entanto, a experiência de cada um desses acontecimentos só pode ser absorvida individualmente. O que não quer dizer que uma experiência não possa ser compartilhada, imaginada, comunicada e sensibilizada. Ao contrário, é de fundamental importância que toda experiência humana significativa possa ser comunicada, tendo em vista a criação de um repertório comum de experiências, material básico para o desenvolvimento de uma consciência coletiva. (NICOLETE, 2011. p. 601)

Partindo da ideia de narrativa como transmissão de saberes a partir da leitura que fazemos de nós mesmos e do mundo e nas relações que estabelecemos com tudo que está à nossa volta, é possível afirmar que a narrativa ensina, reforça e dá um novo sentido à nossa própria existência. Ademais, a narrativa torna nossas experiências mais significativas, pois, enquanto narramos uma história, comunicamo-nos, expressamo-nos, fazemos cultura. E, enquanto produzimos cultura, vamos nos entrelaçando em um mundo de significações do qual fazemos parte, em uma variedade de pensamentos, conceitos e costumes.

A contação de histórias começa com nossos ancestrais, posicionados em torno de uma fogueira, dispostos a ouvir e a contar histórias, a compartilhar seus feitos, aventuras, desventuras, a explicar sobre o surgimento do mundo como nos mitos e lendas, a se ilustrar um preceito como nas fábulas ou a se transmitir histórias que perpassam o profano e o sagrado que explicitam o duelo entre o bem e o mal como nos contos de fada ou contos maravilhosos. Essas histórias ficariam gravadas nas profundezas da memória de quem as ouvia e, sendo essas histórias atemporais, a cada estágio da vida, renovam-se e nos trazem a luz, trazem-nos novas perspectivas de mundo.

Diante de tal valor com que se apresenta a narrativa, Benjamin nos alerta sobre o perigo dessa arte se extinguir:

A arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1987. p. 197, 198)

É verdade que, atualmente, impera a palavra informativa, que nos remete a algo produzido em massa, que deve ser digerido rapidamente, não mais a narrativa, que nos parece artesanal, que precisamos “saborear delicadamente”. A primeira tem seu valor agregado às

⁵ Luís Alberto de Abreu é “autor, roteirista de cinema e TV, professor, consultor de dramaturgia e roteiro”. <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=personalidades_biografia&cd_verbete=254>

novas tecnologias que, equivocadamente, deixam-nos “conectados” ao mundo, mas distantes da dimensão essencial da narrativa, que atua sobre os sentidos.

Contudo, sendo cultura — e como a cultura é viva —, na contemporaneidade, os encontros em torno das fogueiras foram se transformando em rodas de histórias em salas de aula, em casas de cultura, em bibliotecas; o que antes era transmitido de geração em geração, hoje é compartilhado em diversas oficinas, em uma tentativa de se resgatar e dar continuidade a essa forma de comunicar, carregada de encantamento.

Mestra em educação e contadora de histórias, Gislayne Avelar Matos⁶ cita o fenômeno urbano que ocorreu nos anos 70: “a volta dos contadores de história” (MATOS, 2005. p. 17) — fenômeno que se contrapõe à era das novas tecnologias porque ocorreu primeiramente em países da Europa, como a Inglaterra, cuja sociedade foi a primeira a se industrializar e onde, ao longo dos anos, foram sendo perdidas referências da cultura oral.

O fato é que o ressurgimento dos contadores de história, que a cada dia vem crescendo, ilustra a necessidade profunda de nossa sociedade em manter-se inserida no universo dos contos, que é permeado de valores e significados e que se materializa na figura do contador de histórias. Este busca, por meio da palavra, compartilhar um mundo possível, ainda repleto de encantamento, que ele sabe que existe porque conhece as histórias e o poder de transformação que elas têm, porque as vive e as enxerga com olhos atentos.

Além disso, a doutora em Ciências Sociais e contadora de histórias Regina Machado (2004. p. 24), afirma-nos que “é preciso perceber a realidade do conto”, o efeito que ele nos causa, distante de ser uma ilusão, pois através do mundo encantado, onde tudo pode acontecer, lidamos com valores humanos fundamentais que vão tendo novos significados ao longo da história das sociedades.

2. Leitura de mundo: Janelas de possibilidades para um público sem idade

Ler consiste em interpretar, decifrar, produzir sentido e leitura de mundo. De acordo com o educador Paulo Freire, a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Aprendemos a ler o mundo desde o momento em que tomamos consciência de nossa própria

⁶ Educadora e terapeuta, especialista em arte-educação e arte-terapia. Criou, em Belo Horizonte, o projeto “Convivendo com Arte”, para promover a formação de novos contadores de histórias, e outros projetos. Atualmente, coordena a Pós-Graduação *Lato Sensu* em “Arte e educação da palavra oral à escrita”, na PUC-MG.

existência e do que está em torno de nós; isso acontece devido a inúmeras sensações entrelaçadas, que habitam dentro de cada ser, na vivência, nos saberes compartilhados, nas relações que estabelecemos com o mundo. Da mesma maneira em que respondemos às provocações que a vida nos apresenta, também somos produtores de provocações. Assim, transformamos nossa própria realidade, tornando-nos protagonistas dela, capazes de transformar, construir, reconstruir, criar e recriar. Freire nos afirma que:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo, vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. (FREIRE, 1983. p. 43)

Quando o homem lê o mundo, de alguma forma se pronuncia, expressa o que foi lido. Na Pré-História, quando os ancestrais deixaram suas impressões nas rochas, ali também ficou registrada a percepção que eles tinham de si e do mundo, uma percepção sensível e racional. Não muito distante disso, encontramos a figura dos narradores, que, ao se reunirem em torno da fogueira, também expressavam sua leitura de mundo enquanto narravam suas aventuras, suas descobertas, seu cotidiano etc. É isso que também afirma Joana Cavalcanti:

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo, reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura de mundo. Em paredes de cavernas ou em aparelhos de computação, lá está ele reproduzindo seu “estar-no-mundo” e reconhecendo-se como capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos referimos a todas formas de leitura. Lendo, nos tornamos mais humanos e sensíveis. (CAVALCANTI, 2002. p. 13)

As narrativas nos apresentam novas perspectivas sobre um mesmo assunto, novas formas de olhar. À medida que exercitamos esse olhar, vamos nos tornando mais sensíveis, mais críticos e autônomos, vamos nos percebendo como agentes transformadores de nós mesmos e do mundo. O que nos permite ser esse agente é o ato de compartilhar nossas vivências, como faziam nossos antepassados na tradição oral.

III. O homem, o Contador de Histórias

1. Quem é o Contador de Histórias?

O contador de histórias testemunhou as constantes transformações que muitas sociedades sofreram ao longo dos anos, sociedades que se comunicavam pela oralidade, depois pela escrita e que, agora, na contemporaneidade, comunicam-se também de forma virtual. Mas, em todas as sociedades, o contador sempre manteve um senso utilitário.

Antigamente, o contador de histórias tinha, como objetivo principal, propagar ensinamentos, costumes, enfim, um conjunto imaterial que integra uma cultura, que deveria se perpetuar em gerações. Assim, Benjamin alega que:

A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito o que contar”. Diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 1987. p. 198, 199)

Com isso, Benjamin nos mostra a figura do contador, como a do “camponês sedentário e do marinheiro comerciante”: um, que tem como característica principal preservar os saberes de seu povo, e o outro, que procura trazer e compartilhar os saberes de outras terras.

Atualmente, o que encontramos é um contador de histórias que não só testemunha essas transformações na sociedade, pelo mundo afora, mas que também permite uma autotransformação, que traz consigo elementos indissociáveis dos tradicionais, mas com um olhar atento a seu tempo, um tempo de novas tecnologias de informação e comunicação. Tempo esse que faz com que o contador encontre novos caminhos a se aventurar e, na medida em que julgar necessário, fazer uso de recursos externos que possam colaborar com seu ofício. Sejam eles: figurinos, fantoches, objetos variados, painéis, instrumentos musicais, entre outros. Entretanto, o mais relevante, certamente, são os recursos internos, que se encontram impressos no corpo do contador de histórias, em sua voz, seus gestos e em seu olhar, que aproxima, seduz, envolve, na maneira que interage com os seus ouvintes, no contato que estabelece com o outro e principalmente consigo. Também, a história escolhida deverá ser significativa para o contador, antes de qualquer pessoa. Inicialmente, a história diz algo ao contador, algo de sua própria história (do contador); quando ele conta aquela história,

é parte de sua própria história que será compartilhada. É exatamente essa a leitura que Regina Machado⁷ faz de si mesma, enquanto contadora de histórias:

Somos nós os protagonistas, é a nossa própria história que nós contamos enquanto vivemos o relato exemplar. Enquanto estamos dentro do conto, experimentamos a certeza de que valores humanos fundamentais como a dignidade, a beleza, o amor e a possibilidade simbólica de nos tornarmos reis permanecem vivos em algum lugar dentro de nós.

Podemos até rir de nós mesmos, na pele dos estúpidos e ignorantes que povoam esses contos, ao lado de sábios e dragões. Seja lá por que razão, o fato é que não conheço ninguém que não goste de ouvir uma boa história. Eu me dedico a esse serviço de garimpo de boas histórias e trato de contá-las da melhor maneira. Gostaria de aprender a dizer tudo isso com a simplicidade de Chicó, memorável protagonista do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, que é sem dúvida um dos grandes contadores de histórias do nosso país: “Não sei, só sei que foi assim”. (MACHADO, 2004. p. 15)

2. Contador de Histórias e o intelectual orgânico de Gramsci

Segundo o filósofo Antonio Gramsci, o “intelectual orgânico” é aquele que se constrói no grupo social do qual faz parte, consciente de sua função social e política. Os “intelectuais orgânicos” são representantes de uma continuidade histórica, independente de qualquer estrutura econômica, tornando-se, às vezes, expressão dessa continuidade histórica. Todos os homens são intelectuais, embora nem todos desempenhem, na sociedade, esse papel. Gramsci afirma, ainda, que:

Quando se distingue entre intelectuais e não intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão somente a imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso. Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais. Mas a própria relação entre esforço e elaboração intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso não é sempre igual; por isso existem graus diversos de atividade específica intelectual. Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção de mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1982. p. 07, 08)

Dessa forma, é possível afirmar que, ao longo dos tempos, o contador de histórias exerce a função de intelectual orgânico, ao qual se refere Gramsci. Assim sendo, o contador de histórias é um articulador, um provocador, quando colabora com a construção de uma visão crítica através das histórias que conta e da maneira que conta.

⁷ Contadora de histórias graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, Mestra em *Educational Theater* pela *New York University* e Doutora em Arte e Educação pela USP.

3. Com a palavra, o Contador de Histórias

Cada contador de histórias tem um percurso, tem um caminho a percorrer, desde a escolha das histórias mais significativas que ele deseja compartilhar, até o momento em que irá compartilhar essas histórias com as outras pessoas, de que maneira irá contar. O que antecede tudo isso é sua própria história de vida que, em determinado momento, entrelaça-se à história que será contada.

Para o contador de histórias e ator André Orbacam, seu encantamento pelas histórias começa a partir do Teatro narrativo, que depois foi tomando outra forma dentro de si, começando, assim, a fazer algo que, tempos depois, ele descobriu que se tratava de uma contação de histórias. A leitura que Orbacam faz atualmente sobre seu ofício de contador de histórias é permeada de simplicidade:

[...] a gente acaba sendo um instrumento para a história, a história foi escrita, ela deve ser contada, ela foi vivida e ela deve ser contada, deve ser compartilhada. O contador de histórias de raiz compartilha histórias do povo, e, na verdade, a gente faz isso; a diferença é que algumas pessoas, em vez de contar, escrevem, e a gente pega esses escritos e conta. Então, a gente continua com isso do povo, de compartilhar ensinamentos, e é isso: o contador de histórias nada mais é do que um instrumento, é uma arte, um instrumento, é muito prazeroso, é simples de certa forma, mas tem um poder transformador, que não é um poder transformador universal, não é uma bomba atômica, é uma plantinha, uma semente talvez, que pode dar frutos para aqueles que estiverem em volta, também não vai dar frutos para o mundo inteiro [...] (Apêndice A — Entrevista com André Orbacam. p. 22)

Como sementes também são as palavras do contador de histórias, é o que pensa a contadora de histórias e atriz Mari Barçalobre. Para ela, “palavras são sementes que transformam, que germinam, tudo a seu tempo” (Apêndice B — Entrevista com Mari Barçalobre). Por isso, Barçalobre gosta de contar histórias. Ela afirma na entrevista Provavelmente, ouvir muitas histórias contadas por sua mãe e o apreço que Barçalobre sempre teve pelos livros são fatores que também contribuíram para que nascesse esse gosto por contar histórias.

Já para a contadora de histórias Ivy de Lima, a contação de histórias lhe foi apresentada nas brincadeiras de faz de conta com os sobrinhos e, muito tempo depois, veio como uma resposta a uma professora que dizia a ela que não desperdiçasse seu talento. Tudo isso agregado à sua afrodescendência, para ela, significa o seguinte:

[...] os contadores de história, principalmente na minha etnia, dos africanos, tinham uma força muito grande, muito grande. Não tinham jornal nem revista. Eles tinham que preservar, principalmente, essa coisa de família. Então o que se fazia? Reuniam-se as pessoas e ali elas ficavam ouvindo histórias que, às vezes eram verdadeiras, às vezes eram inventadas, então elas ficavam ali. Fora elas existirem enquanto pessoas

da comunidade, sempre as pessoas esperavam os “griôs” virem de outros lugares para poder ir contando aquela história que ele tinha visto ali no bairro de baixo, no bairro do lado e no outro bairro e ali iam se formando o que são os contos populares que a gente tem por aí. (Apêndice C — Entrevista com Ivy de Lima. p. 29)

O que os três entrevistados (Orbacam, Barçalobre e Lima) têm a dizer é parte do que germinou neles em tempos diferentes, por influências diferentes, contudo, da mesma forma espontânea, despretensiosa e atenta a tudo o que pode ser gerado a partir das histórias compartilhadas.

O contador de histórias, para Mari Barçalobre,

Faz-nos ter uma outra visão de mundo [...] No conto, a gente tem a possibilidade de fazer um paralelo real/imaginário e há um poder de cura também com a palavra do conto [...] Trabalhar com a palavra, a palavra que transforma, que muda o olhar, um sentimento, que faz acordar, acorda, recicla, provoca, instiga: eu quero ler, eu quero saber mais sobre isso. É provocado o desejo de ler, de querer mudar, não se conformar com o mundo em si, como se apresenta, pois eu posso ver outras possibilidades. (Apêndice B — Entrevista com Mari Barçalobre. p. 26)

Dessa mesma forma, André Orbacam vê nas histórias essa mesma possibilidade de obter outro olhar sobre a realidade e o mundo. Ele nos lembra da figura de Sherazade⁸, que fala sobre “as histórias que devem ser escritas em retinas, pois, a partir delas, você vê o mundo de uma forma diferente”. (Apêndice A — Entrevista com André Orbacam)

Orbacam nos fala, ainda, do respeito que devemos ter pelas histórias que escolhemos: não devemos julgá-la, modificá-la, pois, se isso for feito, ela perde seu propósito, como é o exemplo das histórias tristes, que nem sempre têm um final feliz, e que em nossa sociedade encontram certa resistência, por não haver uma compreensão de que existem valores humanos que só serão incorporados ou reafirmados no contato com essas histórias. Assim, André Orbacam diz que:

[...] elas [as pessoas que formam a sociedade] não enxergam como uma história daquela maneira vai ensinar algo àquela pessoa, como aquilo vai ficar marcado em sua retina, no coração, na pele, em qualquer lugar, mas em algum lugar vai ficar marcado aquele ensinamento, e não tem melhor forma de guardar esses ensinamentos do que por meio de uma história. Então, o poder transformador é direto. O meu trabalho é baseado muito nisso, ele transforma, às vezes para o bem, às vezes para melhor... (Apêndice A — Entrevista com André Orbacam. p. 25)

Esses três contadores de histórias nos apresentam uma experiência carregada de significado, desde a escolha da história, que deve tocá-los antes de qualquer coisa, despertar-lhes os sentidos, seduzi-los, deve ser como uma “paixão à primeira vista”. Se não fizer sentido

⁸ Sherazade: personagem central da coletânea *As mil e uma noites*, uma das mais famosas obras da literatura árabe. Essa obra é formada por diversos contos escritos entre os séculos XIII e XVI. Sherazade é a contadora desses contos.

para o contador de histórias, a verdade da história não fará sentido a ninguém que a ouvir. O que toca o contador, diz Mari Barçalobre, “[...] é o que fala sobre a nossa memória, que é construída com emoção, e isso tem grande peso, ou leveza, de fazer com que venha até nós a palavra falada, a nossa emoção, a nossa memória” (Apêndice B — Entrevista com Mari Barçalobre). Isso reafirma o que Paulo Freire diz a respeito do conhecimento, que só é adquirido quando se torna significativo, quando nele estão impressos signos que dialogam com a nossa vivência.

Hoje em dia, o contador de histórias ainda continua sendo aquele que transmite seu conhecimento de mundo, que compartilha suas histórias como os “griôs”, que trazem histórias de outros lugares para contar; segundo André Orbacam, o contador pode ser o homem do boteco, o mendigo que ele encontrou no centro da cidade e que contava histórias suas aos que passavam por ali. Para Ivy Lima, o fato de o ato de contar histórias ter sofrido mudanças se trata de um processo evolutivo:

Eles [os narradores de histórias] existiam porque as coisas eram totalmente diferentes do que são agora. Agora, a gente existe dessa forma porque é interessante dessa forma; nós temos TV, nós temos internet, nós temos *ipad*, “*ipud*”, “*itudo*”. Então, eles [os narradores] têm de existir dessa forma agora, eles foram extremamente importantes. Existem lugares em que essa tradição [de contar histórias como era feito antigamente] ainda permanece viva; porém, agora, a gente precisa ser diferente, porque é um processo evolutivo, ambas as épocas [antiga e contemporânea] fazem o seu papel e, em alguns lugares, continuam fazendo, e nós fazemos nosso papel, desse jeito urbanizado que a gente conta história. (Apêndice C — Entrevista com Ivy Lima. p. 29)

IV. Considerações Finais

Há muito tempo, o homem deixou sua condição primitiva, quando descobriu sua capacidade de se comunicar por meio da narração, quando passou a protagonizar a sua própria história, a fabular, a sonhar. Através das histórias, carregadas de magia, de sacralidade, o ser humano encontrou uma maneira de explicar sobre o mundo, o céu, a terra, os seres, os fenômenos.

Tempos depois, o homem passou a narrar sobre valores humanos, como a honestidade, a compaixão, a lealdade, entre tantos outros valores correspondentes a cada cultura. Passou, também, a explicitar o duelo entre o bem e mal, os males do mundo moderno etc.

Atualmente, esse mesmo homem dá continuidade a essas narrativas, incorporadas ao mundo contemporâneo e suas necessidades. Cada qual ao seu tempo, o homem expressa,

através da palavra, a leitura que faz do mundo e de si mesmo, numa tentativa de decifrar e compreender, para melhor interagir com o meio. A história propicia essa leitura de mundo, e o narrador ou contador de histórias é o instrumento que irá transmitir o que as histórias desejam nos contar.

O contador de histórias se revela como um agente transformador, o intelectual orgânico descrito por Gramsci, que, ciente de seu papel social e político dentro da sociedade em que se encontra inserido, vê-se na condição de estimular e provocar seu ouvinte a exercitar outros olhares sobre um mesmo assunto, objetivando uma visão mais crítica sobre nós mesmos e sobre o mundo.

Contudo, antes de escolher qualquer história que se queira compartilhar, é essencial que o contador de histórias, despudoradamente, goste de pessoas, do contato com elas, que aproxima, que ensina, que abre caminhos para novas possibilidades. É necessário, também, que o contador seja um apaixonado por histórias, pelas palavras, e que se sinta à vontade para colocar seus ouvintes em contato com as histórias e com sua essência, sem ter medo de se expor, porque, afinal, quando dá forma à história, o contador empresta a ela muito mais que voz, corpo, olhar: é impresso o desejo de “reencantar” o mundo.

O contador de histórias é o protagonista das próprias histórias que conta, reforçando valores humanos que o acompanham pela vida afora, com a simplicidade de quem sabe que será um eterno aprendiz e com o encantamento de quem tem contato com a magia, como aquela em torno da fogueira.

V. Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica.** São Paulo: Paulus, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1982.

MACHADO, Regina. **Acordais: Fundamentos Teórico-Poéticos da Arte de Contar Histórias.** São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NICOLETE, Adélia (Org.). **Luís Alberto de Abreu: um teatro de pesquisa.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

Apêndice A — Entrevista com André Orbacam⁹

Rose: “—Como se iniciou sua experiência como contador de histórias? Como você vê o seu ofício e as histórias como possibilidade de obter outro olhar sobre o mundo?”

André: “—Bem, minha experiência com a contação de história vem antes da contação propriamente dita. Acredito que vem minha época de estudo teatral, muito sobre a parte de teatro narrativo, desse tipo de coisa pela qual eu já era apaixonado e pelo tipo de literatura que eu já lia. Mas, em 2006, foi quando eu realmente ingressei na contação de histórias, a propriamente dita contação de histórias, e foi quando eu comecei a estudar com a Vanessa Castro. Lá, eu descobri uma vertente de uma coisa que eu gostava muito e não sabia como classificar até então. A contação de histórias veio, para mim (sei que muitas pessoas vão querer me crucificar por isso), mas ela veio do teatro e, a partir de certo momento, descobri que eu fazia contação de histórias sem saber que era contação de histórias e ia simplesmente modificando algumas regras que a gente dita. E, então, eu não consigo mensurar em que momento da minha carreira eu começo a fazer contação de histórias, eu consigo dizer ‘pra’ você em que momento eu descobro o nome daquilo que faço. É assim a minha carreira. E a pergunta é como eu me vejo nesse trabalho? Para mim, é uma coisa simples isso: eu não me vejo, eu não acho que estou ‘revolucionando mundos’ e nem procuro isso, eu me vejo fazendo uma arte que, sim, faz a diferença, mas que ela trabalha no minimalismo; quando você fala dessa diferença, ela é uma arte que vai atingir pessoa por pessoa, que a gente não pode ser ambicioso suficiente, achando que a gente vai ‘revolucionar mundos’, porque, na verdade, a ‘revolução de mundos’ começa com um único ser, que é você, e depois as pessoas que você atinge. Na carreira de um contador de histórias, uma carreira longa etc, não se vai chegar a milhares de pessoas. Então, o contador de histórias, acima de tudo, é humilde nesse aspecto, ele trabalha para a história, não o inverso. Então, é muito difícil falar sobre o André na contação de histórias, porque eu me sinto mais um instrumento do que realmente um artista. Quando a gente escolhe uma história, é porque é uma paixão à primeira vista. A gente começa a trabalhar aquela história e, às vezes, a gente não sabe nem por quê. Eu tenho história que conto, que eu falo, não sei por que, mas essa história bate ‘pra’ mim e as pessoas percebem esse amor e elas passam a gostar dessas histórias, que são ultrassimples, e a gente tem

⁹ André Luiz Gomes de Araújo é ator e dublador pelo Centro Digital Belas Artes. Atua no teatro, TV e cinema, contador de histórias e formador de contadores de histórias em Diadema-SP. Em Santo André-SP, faz parceria com Rosimeire Faria. Participa de vários grupos de pesquisa teatral no ABC paulista.

histórias maiores, que pregam alguma coisa. O pessoal fala: ‘—Mas essa daí não ficou legal’, então existe esse amor e a gente acaba sendo um instrumento da história. A história foi escrita, ela deve ser contada, ou ela foi vivida e ela deve ser contada, deve ser compartilhada. O contador de histórias de raiz compartilha histórias do povo e, na verdade, a gente faz isso; a diferença é que algumas pessoas, em vez de contar, escrevem, e a gente pega esses escritos e conta. Então, a gente continua com isso do povo, de histórias do povo, de compartilhar ensinamentos, e é isso: o contador de histórias nada mais é que um instrumento, é uma arte, um instrumento, é muito prazeroso, é simples de certa forma, mas tem um poder transformador, que não é um poder transformador universal, não é uma bomba atômica, é uma plantinha, uma semente talvez, que pode dar frutos para aqueles que estiverem em volta, também não vai dar frutos para o mundo inteiro. Mas, para cada um, dá uma possibilidade de um olhar diferente sobre a realidade e o mundo. Sim, com certeza, é como as histórias das *Mil e uma noites*, que tem a introdução da Sherazade, que fala das histórias que devem ser escritas em retinas, pois, a partir delas, você vê o mundo de uma forma diferente. Isso é muito verdadeiro, é uma das últimas frases que eu tenho visto e que é uma das mais verdadeiras para mim, é uma das frases que pegou e marcou. É isso! Contador de histórias é isso! Ninguém escreve uma história simplesmente por escrever, ela é vivida e ela tem alguma coisa ali, ela realmente te leva para outro universo e te faz ver o mundo de forma diferente. Às vezes, a lição não está bem explícita, mas existe, sempre existe, aquela coisa de mãe, mãe sempre está certa e sempre fala para você: ‘—Não saia do caminho!’. Aí, você fala: ‘—Ah, mas ‘não tem nada a ver’’. Senão, fica uma lição explícita, um dia você enxerga o que ela queria dizer, a história é uma mãe.”

Rose: “—Você acabou de fazer uma referência aos contos de fadas ou contos maravilhosos?”

André: “—Sim, pois é uma linha que eu sigo. Agora, eu acho que eu não tenho muito mais a falar sobre o ofício do contador de histórias; é contar, pura e simplesmente contar, transmitir, com algumas pequenas regras, do tipo: um autor escreve uma história, eu não vou mudar a história porque preciso atingir um público diferente, senão, a história não fará mais sentido nenhum. O contador de histórias não pode fazer isso, não faz isso. Por isso, eu falo que o contador é um instrumento: a história existe, ela é daquele jeito e a gente simplesmente tem que passar a história. Se se tentar tirar alguma coisa dela ou modificar, ela para de ser a história e passa a ser um ‘Frankenstein feio’. Aí, ela já não tem mais propósito e

ela já não sabe mais por que ela está lá também. A história tem consciência, ela sabe para que ela serve e, se ela for mudada, não sabe mais. Então, toda a lição que ela tem que passar, ela não passa mais. Então, sendo instrumento, a gente tem que pensar muito nisso e não modificá-la. Se não gostamos, simplesmente não trabalhamos com ela. Existem tantas histórias, por que eu vou ficar insistindo em trabalhar com uma de que eu não gosto?”

Rose: “—E, por exemplo, o que você acha quando Walter Benjamin fala do contador de histórias estar em vias de extinção, e a gente vê Gislayne Avelar falando do retorno dos contadores de histórias? Será que as pessoas, hoje, se comunicam menos?”

André: “—Eu acho que as pessoas se comunicam de uma forma diferente. É engraçado isso do ‘estar morrendo’. Desde que eu comecei a fazer artes moribundas, comecei a fazer teatro e diziam que o teatro estava morrendo porque o público não vai mais ao teatro; comecei a fazer contação de histórias e disseram a mesma coisa: que ninguém mais quer ouvir contação de história. Eu acho que, das artes em que eu trabalho, a única que não está morrendo é o cinema. Isso me levanta uma possibilidade: o ator, ele pode reclamar do teatro, ele pode migrar para o cinema; o contador pode reclamar do público, ele pode se tornar um escritor ou ele pode modificar a contação de histórias. Eu não acredito na morte em si da arte, mas também não acho que o que deva ser feito é essa contação nova com livros. A contação de histórias é muito maior do que arte, apesar de trabalharmos como artistas, ela é maior do que a arte, porque o contação de histórias é aquilo que o ‘cara’ faz no boteco, bebendo cerveja e contando uma coisa que aconteceu no trabalho dele. Isso é uma contação de histórias. O que o jornalista, de certa forma, faz é uma contação de histórias. É claro que você tem várias linhas e você não pode negar. Se eu falo de Araçoiaba da Serra, onde tem um hospital psiquiátrico, eu estou falando de uma história que acabei de trazer fresquinha, independente se ela foi escrita há cem anos. Ela pode acontecer hoje, então a gente tem que ter essa visão de público; a contação de histórias é também informativa, ela trabalha as histórias de um povo, e as histórias acontecem no aqui e agora, são atuais, e isso me faz acreditar que, quando as pessoas falam de morte, falam disso, do envelhecimento das histórias que acabam sendo só para os mais velhos. Aquele narrador de antigamente é o ‘cara’ do boteco, aquele ‘cara’ da ‘firma’ que, na hora do almoço, para o refeitório inteiro contando a história dele. Ele só está em lugar diferente, não está mais em torno da fogueira, porque não se fazem mais fogueiras, ninguém mais fecha uma rua para fazer uma fogueira.”

Rose: “—De certa forma, ele (o contador de histórias) estabelece um laço afetivo com seu ouvinte, seja lá onde for?”

André: “—Sim, e não conta as histórias que se contavam antigamente. A anedota desse narrador contemporâneo, na verdade, não é ‘narrador contemporâneo’: é o mesmo ‘cara’, ele só está em lugar diferente. A anedota dele é o que aconteceu com ele ontem, assim como era a anedota dos antigos; a única diferença é que você nem sempre vê esse ‘cara’, porque você não está na ‘firma’ com ele, nem no boteco, bebendo cerveja. Mas, se você for lá, você verá o contador de histórias, vai dizer que não morreu, ele não é um divulgador literário, é um contador de histórias. A gente fica martelando nessa ideia de divulgação literária, sendo que contação de histórias não é isso; isso, sim, é contemporâneo. Um dia, eu vi um mendigo contando história lá na Oliveira Lima, em Santo André. Eu estava andando e ele estava lá, as pessoas estavam em volta dele; ele estava contando sobre a vida dele, algo que aconteceu, com cenas engraçadíssimas, e isso era uma contação de histórias que não está em um livro, mas estará na mente de quem ouviu. E é assim que as coisas funcionam. Na verdade, é a gente que se confunde: não está morrendo, não, é a gente que está mudando esse negócio. Poder transformador, eu trabalho com duas linhas que são transformadoras, mesmo, que é a cultura popular brasileira e européia, que são os contos de fadas. São literaturas muito próximas, com o intuito de educar, pois, quando se fala de contos de fada, se fala de lição de pai para filho, histórias que são contadas antes de dormir, para deixar o filho com medo, mesmo, para ele não fazer besteira no dia seguinte, para ele não sair do caminho, não aceitar maçã de um estranho, para ele sempre pagar o que deve. Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, flautista de Hamelin, para não tentar ser aquilo que você não é, Pequena Sereia... Então, estamos falando de histórias que ensinam. O Saci-Pererê, por exemplo, tem mania de jogar cacos de vidro pela estrada; isso quer dizer ‘não ande descalço’. O Lobisomem come criança não batizada, batize seus filhos... Então você tem lições diretas na cultura popular, você não pode dizer que isso não é transformador. Estamos falando de culturas inteiras feitas em cima de histórias, com lição de moral, assim como é muito explícito nas fábulas de Esopo, La Fontaine; essas histórias têm esse intuito: de educar essas crianças para torná-las adultos melhores para novas gerações. É o poder da metáfora, você aprende o que precisa. É como ler *O Pequeno Príncipe*: dependendo do momento, você aprende coisas diferentes nele. Nos contos de fadas, é assim também, eles têm esse poder; dependendo de como estamos, vamos achar extremamente triste ou alegre e, nesse aspecto, eu valorizo muito esse tipo de história. Acho que existem contos de fadas que, hoje em dia, pela nossa sociedade, as pessoas não

gostam de contar para as crianças, embora eu acredite que esses contos são para qualquer idade e o contador contemporâneo insiste em contar para crianças. Então, a gente tem que tocar nesse assunto. Se não existe mais, em nossa cultura, aquele contador de histórias que contava para todos, sim, então você encontra algumas histórias que as pessoas censuram e elas não enxergam como uma história daquela maneira vai ensinar algo àquela pessoa, como aquilo vai ficar marcado em sua retina, no coração, na pele, em qualquer lugar, mas em algum lugar vai ficar marcado aquele ensinamento, e não tem melhor forma de guardar esses ensinamentos do que por meio de uma história. Então, o poder transformador é direto. O meu trabalho é baseado muito nisso, ele transforma, às vezes para o bem, às vezes para melhor...”

Rose: “—Primeiramente, você mesmo, sempre!”

André: “—Sim, acima de tudo, o contador de histórias é um pouco egoísta, ele tem que trabalhar para ele, ele acima de tudo, conta para ele, ele escolhe o que quer contar, como irá contar e compartilhar se torna uma consequência... É como a história africana, a história que atíça o fogo, a função da história é deixar a fogueira acesa e quem quer que se aproxime.”

Apêndice B — Entrevista com Mari Barçalobre¹⁰

Rose: “—Como se iniciou sua experiência como contador de histórias? Como você vê o seu ofício e as histórias como possibilidade de obter outro olhar sobre o mundo?”

Mari: “—O falar, a palavra do contador de histórias, são palavras que eu considero sementes. Tem uma frase da Cora Coralina de que eu gosto muito, que fala que ‘se temos que esperar, que seja para colher os frutos da semente da palavra que lançamos na terra fértil’. Então, é por isso que eu gosto de contar histórias. Palavras são sementes que transformam, que germinam, tudo a seu tempo.

O começo foi na minha infância. Isso eu descobri há pouco tempo, com a doença da minha mãe. A gente no hospital, ela me contou que me contava histórias, que eu pedia ‘histolinha’ para ela; que a gente, na cama, dormia antes das histórias terminarem. E por que eu gosto de contar histórias? Minha mãe descobriu: ‘—Sabe por que a Marilei gosta de contar histórias? Por que eu contava para ela’. O livro, a presença do livro na infância, no jardim de infância, eu gosto, mas não sabia que gostava tanto, foi a semente que demorou para germinar, mas que brotou. E, no contar histórias, muitas vezes, eu presencio o que uma história faz com uma pessoa que a ouve. Ela vem, quer recontar uma história, quer pôr ‘pra’ fora aquilo que, de alguma maneira, está incomodando o coração. Tenho até um exemplo de uma menina, que quando eu contei uma história de uma menina que tinha feito uma coisa ruim para mãe, ela me pediu que recontasse; depois, eu fiquei sabendo que ela era adotiva e que tinha feito algo ruim também, e a família obrigou a mãe adotiva a devolvê-la para o orfanato. Ela contou a história dela para mim. Então, produz algo, transforma algo, as palavras. Faz-nos ter uma outra visão de mundo, um outro ângulo, por que eu sou assim? Por que eu sinto assim? Mas o outro reagiu de tal maneira no conto. No conto, a gente tem a possibilidade de fazer um paralelo real/imaginário e há um poder de cura com a palavra do conto. Para mim, é isso contar histórias, semear palavras, a palavra falada, não só escrita, mas a falada, a palavra em si transforma, se transforma e permanece. E é assim que eu vejo.

Trabalhar com a palavra, a palavra que transforma, que muda o olhar, um sentimento, que faz acordar, acorda, recicla, provoca, instiga: eu quero ler, eu quero saber

¹⁰ Marilei Regina Barçalobre é arte-educadora com habilitação plena em Artes Cênicas pela FATEA - Santo André. Contadora de histórias, na Editora Paulus, e no Espaço Criança, na Biblioteca da Prefeitura de Santo André.

mais sobre isso. É provocado o desejo de ler, de querer mudar, não se conformar com o mundo em si, como se apresenta, pois eu posso ver outras possibilidades.

O que me toca o é que fala sobre a nossa memória, que é construída com emoção e isso tem grande peso, ou leveza, de fazer com o que vem até nós, a palavra falada, nossa emoção, a nossa memória.”

Rose: “—Isso reafirma o que diz Paulo Freire sobre o conhecimento, que só guardamos o que é significativo para nós, o que é carregado de significado para nós.”

Mari: “—E é por isso que hoje estou numa biblioteca em meio a livros, semeando histórias, vida... Eu gosto de contar histórias que, primeiro, toquem a mim. Que tenham algo, me falta a palavra, mas que mude algo em mim; uma história que, para mim, seja importante passar para o outro. São experiências vividas que eu gosto de contar, compartilhar, é como um perfume, sentir um perfume, aquele perfume, aquela história tem tal perfume, que me tocou, me sensibilizou, me despertou os sentidos para a vida. Importante que a história passe por nós, transforme, como semente, palavra de vida, para transmitir algo. E gosto muito de cuidar das histórias, escolher as histórias assim: primeiro para mim, depois para o outro; que tenha algo gostoso, vivido, ‘experienciado’.”

Apêndice C — Entrevista com Ivy de Lima¹¹

Rose: “—Como se iniciou sua experiência como contador de histórias? Como você vê o seu ofício e as histórias como possibilidade de obter olhar sobre o mundo?”

Ivy: “—Hoje, eu, Ivy, com 54 anos, entrei nesse ‘mundo do faz de conta’ quando meus sobrinhos eram pequenos. Se o Rodrigo hoje tem 33, então, há 33 anos, eu, naturalmente, entrei nesse mundo. Porque eu falava assim com ele: ‘—Rodrigo, vamos contar uma história: eu começo e você termina’. Por exemplo, eu falava: ‘—Era uma vez, um menino...’, e ele completava. E, assim, a gente passava alguns momentos. E, nessa infância deles, eu sempre procurava levá-los a lugares interessantes onde havia pessoas contando histórias, livros para eles lerem, pegava um bando de crianças e saía, porque eu sempre fui apaixonada por crianças, acho que eu nunca tive as minhas para não gostar de uma só, duas, mas gostar de todas. Aí, eu fui para ao mundo corporativo, tive que começar a trabalhar. Mas, no colégio, eu estudei num colégio ‘top’ da época: o Colégio Vocacional. Era muito ligado ao Socialismo; a gente já tinha uma ideia crítica do mundo, era uma coisa muito boa, tanto é que acabou, não existe mais. E eu tive uma professora, eu me lembro da carinha dela me falando isso, que era uma professora de Artes, que me disse assim: ‘—Não desperdice o seu talento, vá para o mundo das artes’. Quando ela me falou isso, eu não entendi nada, eu fiquei sem entender, então levou algum tempo, que entrei no mundo corporativo, tive que estafar, tive que ter síndrome do pânico, ‘pra’ largar tudo e entrar para o mundo das artes. Então, eu comecei com recreação, fazendo festas infantis, e, depois, começou a defasagem de tudo. Fiz muito tempo, aí eu pensei que deveria partir para outro caminho, e aquela voz de novo batendo no meu ouvido... Então, eu comecei a fazer alguns cursos, eu achava os contadores de histórias, imaginava que jamais eu conseguiria contar como eles. Mas não é assim, a gente conta. E foi assim que eu comecei a contar. Eu acho que os contadores de histórias, principalmente na minha etnia, dos africanos, tinham uma força muito grande, muito grande. Não tinham jornal nem revista. Eles tinham que preservar, principalmente, essa coisa de família. Então o que se fazia? Reuniam-se as pessoas e ali elas ficavam ouvindo histórias que, às vezes eram verdadeiras, às vezes eram inventadas, então elas ficavam ali. Fora elas existirem enquanto pessoas da comunidade, sempre as pessoas esperavam os ‘griôs’ virem de outros lugares para poder ir contando aquela história que ele tinha visto ali no bairro de baixo,

¹¹ Iverli de Lima é educadora, contadora de histórias e formadora de contadores de histórias.

no bairro do lado e no outro bairro e ali iam se formando o que são os contos populares que a gente tem por aí. Então, é claro que influencia, nem que seja para as pessoas ficarem mais felizes que também influencia uma cultura. Por que e como as estrelas aconteceram no céu? A gente tem uma lenda que fala nisso. Então a gente fica imaginando e cria o imaginário das pessoas. Quando isso acabar, acaba tudo. Por isso, acho que, a cada dia, mais crescem os contadores de histórias, se profissionalizam, o que é interessante, já que trabalhamos com isso, ‘pra’ gente passar alguma coisa interessante para as crianças, principalmente para as crianças. Não que o adulto não goste, ele gosta. Mas eu sou mais do universo infantil do que do universo adulto.”

Rose: “—E o que você acha sobre o narrador de antigamente e do narrador de hoje, contemporâneo?”

Ivy: “—É um processo evolutivo. Eles existiam porque as coisas eram diferentes do que são agora, então eles tinham que existir daquela forma. Agora, a gente existe dessa forma porque é interessante dessa forma; nós temos TV, nós temos internet, nós temos *iPad*, ‘ipud’, ‘itudo’. Então, eles [os narradores] têm de existir dessa forma agora, eles foram extremamente importantes. Existem lugares em que essa tradição ainda permanece viva; porém, agora, a gente precisa ser diferente, porque é um processo evolutivo, ambas as épocas [antiga e contemporânea] fazem o seu papel e, em alguns lugares, continuam fazendo, e nós fazemos nosso papel, desse jeito urbanizado que a gente conta história.”

Rose: “—Que tipo de história você costuma contar?”

Ivy: “—As que eu me apaixono. Se eu não me apaixonar, eu não conto, pois ela sai truncada, ela vira uma coisa. Eu leio uma vez, guardo o livro, leio de novo. Se eu me apaixonar, eu conto; se não, eu não conto. Mas, ‘ah, e os contos africanos? Você é negra, você tem que contar!’ Se eu não me apaixonei, eu não tenho que contar.”